

SAUDAÇÃO A MARCÍLIO MARQUES MOREIRA

Edmar L. Bacha

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024

Em estudo sobre o liberalismo e o papel político dos intelectuais, Bolívar Lamounier classifica os intelectuais públicos em três categorias: tribunos, profetas e sacerdotes. Tribunos defendem causa específica. Profetas proclamam novos caminhos. Sacerdotes zelam pelos cânones sagrados.

Marcílio Marques Moreira é um intelectual público por excelência. Mas não é fácil enquadrá-lo nas categorias de Lamounier. A visão sobre os desafios brasileiros que Marcílio nos propõe em sua autobiografia não é só a do economista, do financista, do sociólogo, do historiador, do jurista -- é a visão de um liberal moderno que afirma, sem hesitar, que não haverá construção nacional sem atender a princípios éticos bem definidos e à realidade bruta da pobreza que marginaliza parte significativa de nossa população.

Mas, tribuno, profeta ou sacerdote? Para me ajudar a responder essa indagação, considero a geração de intelectuais públicos brasileiros da geração de Marcílio, que nasceu em 1931. Defino sua geração algo arbitrariamente como pessoas nascidas num intervalo de 12 anos, de 1925 e 1937. Embora trate-se menos de proximidade de idade do que do compartilhamento naquele momento histórico de um mesmo universo social e cultural. Entendo intelectual público como o estudioso que não somente participa ativamente do debate público, mas é um ser político, ao exercer o múnus público e verbalizar opiniões políticas mesmo sem afiliação partidária.

Identifico 20 intelectuais públicos brasileiros da geração de Marcílio, nascidos entre 1925 e 1937: Raymundo Faoro (1925), Candido Mendes de Almeida (1928), Affonso Arinos de Mello Franco, Antônio Delfim Netto, Boris Fausto, José Arthur Giannotti, José Gregori, José Sarney, Maria da Conceição Tavares, Ruth Cardoso -- todos de 1930 --, Fernando Henrique Cardoso (1931), Eduardo Portella e João Paulo dos Reis Velloso de 1932, Luiz Carlos Bresser Pereira (1934) e Sergio Paulo Rouanet de 1934, Arnaldo Niskier (1935) e Mario Henrique Simonsen de 1935, Roberto da Matta (1936), Francisco Weffort e Rubens Ricúpero de 1937. Com a aprovação de Marcílio, completando 21, incluo na lista José Guilherme Merquior, representante maior do liberalismo brasileiro nascido em 1941.

Que belo grupo!

O julgamento se entrelaça ao afeto que tenho por eles, mas quem me parece mais próximo a Marcílio nesta lista é Fernando Henrique Cardoso: afiliação intelectual weberiana, social-liberalismo, dedicação à causa pública, importância na História do país.

Assim se revela nesta autobiografia Marcílio, seja como tribuno, profeta ou sacerdote!